

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jaqueline Lupi Seabra da Silva

UTOPIAS E DISTOPIAS SEXUAIS NA COLEÇÃO AMORES EXPRESSOS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois-Braga

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JAQUELINE LUPI SEABRA DA SILVA** acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201273050A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UTOPIAS E DISTOPIAS SEXUAIS NA COLEÇÃO AMORES EXPRESSOS**, desenvolvido durante o período de 01/07/2017 a 10/07/2018 DO TCC sob a orientação de Prof. Dr. Humberto Fois-Braga, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

JAQUELINE LUPI SEABRA DA SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

UTOPIAS E DISTOPIAS SEXUAIS NA COLEÇÃO AMORES EXPRESSOS

Jaqueline Lupi Seabra da Silva¹

RESUMO

O trabalho apresenta uma análise da coleção *Amores Expressos* em dois vieses principais: em primeiro lugar, as utopias sexuais, entendidas como aspectos positivos da sexualidade e em segundo lugar, pelas distopias, percebidas como aspectos negativos presentes na coleção. Por um lado há uma pluralidade de desejos sexuais e por outro, a eliminação da diferença sexual. O trabalho discute alguns aspectos da sexualidade e seu relacionamento com diversos enfoques da realidade social, assim como a articulação entre as teorias e os romances. Este trabalho realiza-se através de pesquisa bibliográfica e se pauta em diversos autores das humanidades: Anthony Giddens, Michel Foucault, Zygmunt Bauman dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção Amores Expressos. Sexualidade. Mulheres. Transexualidade. Homossexualidade.

1. INTRODUÇÃO

A vivência da sexualidade nos constitui enquanto sujeitos sociais. Desde a mais tenra idade, em que o prazer infantil incide no próprio corpo, passando pela adolescência, com as mudanças drásticas de nossos corpos, até a fase adulta e o amadurecimento, todos nós de uma maneira ou de outra passamos por essas fases. Todo esse desenvolvimento se relaciona a um aparato social, afinal as regras e diretrizes do comportamento sexual são construídos culturalmente e guiam os indivíduos em sua jornada através do prazer, fazendo com que, por um lado, se padronize práticas aceitas e, por outro, se condene práticas que venham a ser “fora do padrão”.

Nos dias de hoje, percebemos uma desarticulação entre o sexo e a “manutenção da espécie”, ou seja, com os avanços da tecnologia, da medicina e das novas reconfigurações da família, não há a necessidade de se ter uma relação sexual para gerar filhos: com a pílula anticoncepcional, as mulheres têm mais controle sobre seus corpos, casais homossexuais podem optar por adotar crianças e, além disso, através de inseminação artificial, muitas mulheres aceitam ser a “barriga de aluguel” de outros casais. Todas essas práticas demonstram como o par “sexo e manutenção da espécie” vem se modificando ao longo do tempo.

Avançando o olhar sobre a cultura, podemos dizer que a sexualidade está intrinsecamente ligada ao nosso cotidiano. Mesmo antes do nascimento, as crianças são nomeadas e ganham roupas que “direcionam” suas sexualidades – meninos geralmente usam azul, enquanto as meninas, rosa. É necessário lembrar também que a indústria – de roupas, calçados, brinquedos – binarizam seus produtos entre “rosas” e “azuis” direcionando o olhar da cultura para as relações de gênero. Em se tratando de infância, os meninos são motivados a brincar em áreas amplas com temas aventureiros enquanto as meninas são incentivadas a brincar de “casinha”, de cuidarem de suas bonecas como se preparassem para a maternidade futura. Essas diferenças não se restringem ao brincar, pelo contrário, historicamente falando, meninas e meninos, mulheres e homens receberam tratamentos diferenciados no que tange a arte, a política, a história e as ciências, dentre outras áreas do saber. Na demarcação da heterossexualidade, ou se é menino ou menina, não havendo espaço para o “entre”, para aqueles que não cabem na regra binária.

O momento que estamos vivendo hoje é ímpar: as mães têm tido muito mais peso na educação das crianças do que os pais. Isso demonstra o quanto nossa sociedade vem mudando em relação às relações de gênero. As mulheres conquistaram espaços no mercado de trabalho, suas matrículas aumentaram no Nível Superior, mas, ao mesmo tempo, elas ainda ganham menos do que os homens, mesmo tendo o mesmo cargo ou mesmo nível de ensino.

Todas essas conquistas e mudanças foram paulatinamente trilhadas. O movimento feminista foi importante, assim como a vontade das próprias mulheres de se expressarem, mostrando sua própria voz e fazendo-se presente na sociedade. Além disso, é importante ressaltar o movimento dos homossexuais, desde a

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: jaquelinesea@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois-Braga.

revolta de *Stonewall Inn*² até os dias de hoje, a comunidade gay vem buscando seu lugar, exigindo direitos iguais, respeito e recusando qualquer tipo de preconceito.

Pelo exposto, percebe-se que a sociedade vem se modificando em relação às sexualidades e nos dias atuais, esse tema tem sido um campo de disputa entre forças conservadoras e liberais. Por um lado, há um viés extremamente conservador em que se defende uma “sexualidade correta”, a qual o homem e a mulher – o casal heterossexual – é o padrão; mas por outro lado, há os que defendem que as vivências sexuais humanas são amplas em detrimento ao binarismo sexual exigido como o “correto”. Discursos religiosos oriundos do senso comum se mesclam aos discursos científicos e filosóficos fazendo com que ora avancemos e ora retrocedamos em relação às discussões. Porém, e infelizmente, a falta de debates humanizados nos traz uma nefasta consequência: a violência de gênero, a homofobia e o preconceito que vem dizimando vidas a cada dia.

Os meios de comunicação, juntamente com as demais estruturas da indústria cultural, contribuem para um *status quo* heteronormativo, como mostrada na pesquisa intitulada *Jornalismo, homofobia e relações de gênero*, de Carlos Alberto de Carvalho (2012). O autor assinala que as notícias sobre a comunidade das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) são reveladoras de preconceitos e escárnios. Ele aponta ainda que as novelas da *Tv Globo* trazem ao grande público, personagens gays estereotipados. A presença maciça de personagens heterossexuais e personagens da comunidade LGBTT estereotipadas, não somente nos meios de comunicação, mas como nas produções de massa – cinema, *best sellers*, músicas, arte – podem ser vistos como um sintoma de uma sociedade heteronormativa e machista. Pensando nos *best sellers*, ou seja, nos livros mais vendidos, é que afunilaremos nosso objeto de pesquisa: o livro ou especificamente, a *Coleção Amores Expressos*, a qual pode ser vista como um artefato cultural, logo uma arma ideológica.

Sabemos que a literatura – como linguagem e “reflexo” da sociedade³ – expõe e produz formas de se viver a sexualidade e de comportar perante a diversidade. A intenção desse artigo, portanto, é identificar diferentes sexualidades contidas nas obras que compõem a *Coleção Amores Expressos* e como essas se manifestam. Qual é o “discurso sexual” implícito na coleção? É um discurso libertador ou opressor?

A *Coleção Amores Expressos* possui dez livros publicados até o momento, e para fins deste trabalho, é necessário elucidar os motivos de sua escolha: em primeiro lugar, a coleção foi escolhida porque se desprende dela a ideia de unidade ao redor do tema “amor” e, em segundo lugar, pela coleção trazer personagens tanto heterossexuais quanto homossexuais, transexuais e bissexuais, o que demonstra uma grande presença de “tipos”, o que nos permite inseri-la no paradigma da diversidade. Por outro lado, ao entrar nas histórias dos personagens percebemos que os heterossexuais gozam de um final feliz, enquanto que os homossexuais e a única transexual acabam morrendo no final de suas histórias. E, dessa forma, chegamos a nossa hipótese de trabalho: a *Coleção Amores Expressos* traz uma grande diversidade sexual em seus enredos, mas ao mesmo tempo, aqueles que saem da norma heterossexual entram na lógica do desaparecimento e da morte, como se fosse uma punição pela sua diferença, portanto, demonstra o quanto a coleção é paradoxal.

Desse modo, pretende-se analisar os personagens principais de todos os romances e personagens coadjuvantes, quando assim for necessário, tendo sua orientação sexual como critério de inclusão na análise. A discussão será pautada através de dois pontos principais: a utopia e a distopia. A utopia – como um ideal a ser alcançado – pode ser percebida na coleção como a exaltação da diversidade sexual (a transexualidade e a homossexualidade marcando suas presenças) assim como a presença de outros objetos sexuais, e a distopia – quando surge nas obras o sofrimento, a violência física, a prostituição, a morte e o desaparecimento, como formas de punições presentes nos livros.

É importante apontar que a *Coleção Amores Expressos* nasceu da união das editoras *RT Features* e da *Companhia das Letras*. Como dito anteriormente, esse projeto ambicioso originou dez livros⁴ e o objetivo principal era enviar autores para o exterior para que esses sentissem o “clima” do local, como se fosse um grande laboratório de vivências, o que resultaria em obras envoltos na temática amor. Os livros foram lançados

² *The Stonewall Inn* era um bar frequentado por gays, o qual sempre era invadido por policiais. No dia 28 de junho de 1969, o bar foi cenário de revolta, transformando-o assim em palco histórico a favor dos direitos gays (BERUTTI, 2010).

³ É importante ressaltar que a literatura pode ser reflexo da sociedade, no entanto, não é uma regra.

⁴ *Barreira* (2013) de Amílcar Bettega, *Cordilheira* (2008) de Daniel Galera; *Diga a Satã que o recado foi entendido* (2013) de Daniel Pellizzari; *Do fundo do poço se vê a lua* (2010) de Joca Reiners Terron; *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) de Luiz Ruffato; *Ithaca Road* (2013) de Paulo Scott; *Nunca vai embora* (2011) de Chico Mattoso; *O filho da mãe* (2009) de Bernardo Carvalho; *O livro de Praga: Narrativas de amor e arte* (2011) de Sérgio Sant’Anna; e por fim, *O único final feliz para uma história de amor é um acidente* (2010) de J.P. Cuenca.

em meio a muitas polêmicas: em primeiro lugar, por uma questão de financiamento, já que o projeto recebeu recursos oriundos da *Lei Rouanet* de incentivo à cultura – investimento de recursos públicos em projetos particulares – e por outro lado, a questão do financiamento da escrita, a qual traz ao debate a ideia de que o agendamento prévio da produção poderia reprimir a força criativa do escritor (FOIS-BRAGA⁵, 2015; LOBO, 2016).

Diante de tantas polêmicas, partiremos para a análise da coleção. Quais são as utopias e distopias presentes nas obras?

2. UTOPIAS

Para que possamos prosseguir com esta análise, primeiramente, é importante definir a ideia de utopia que tomamos como referência. Para Leomir Cardoso Hilário (2013) “a utopia é, ao mesmo tempo, um *gênero literário* que consiste na narrativa sobre a sociedade perfeita e feliz e um *discurso político* que procura expor a cidade justa” (HILÁRIO, 2013, p. 204, grifo do autor), ou seja, a utopia traz a ideia de uma cidade em que há felicidade para seus cidadãos e onde haja justiça. Desse ponto de vista, podemos apontar que para fins desse trabalho, a utopia sexual pressupõe uma sociedade em que se é feliz em sua sexualidade, diversa sexualmente falando e que aceita todas as diferenças de modo justo.

Tendo isso em mente, olhando detidamente para nossa coleção, percebemos que o lugar das mulheres vem paulatinamente se modificando, principalmente, no que tange à sua sexualidade. Não só a vivência sexual das mulheres, mas como se comportam frente aos relacionamentos amorosos. Em primeiro lugar, se faz mister dizer que não há nenhum casamento nos dez livros estudados que tenha um fundo romântico e muito menos a vontade de “se guardar” para um noivo ou um marido. Na coleção, as mulheres têm vidas sexuais ativas, lembremos que em alguns anos atrás existia a figura da “tia solteirona” e aqui, mesmo existindo mulheres “mais velhas”, não há a presença desse estereótipo da mulher fadada à solidão e à virgindade.

Anita, em *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008), possui um relacionamento estável com Danilo. A mulher exige um filho, ao que o homem se desvencilha da ideia da paternidade. Vendo, então, que esse sonho poderia não ser concretizado, Anita resolve ir sozinha para Buenos Aires. Lá, ela conhece Holden e decide ter o filho com ele, na história, ele seria um mero reprodutor, pois a personagem principal do enredo deseja o filho só para si, uma “produção independente” e sem o consentimento do portenho. Essa vontade de criar uma criança sem a presença paterna converge com a ideia de Anthony Giddens (2012, p. 257), o qual aponta que “nas últimas décadas, as famílias monoparentais se tornaram cada vez mais comuns nos países desenvolvidos, embora o padrão seja bastante variado”. E é assim com Anita: ela deseja ter seu filho sozinha, criá-lo sem a ajuda do pai, mais ainda, ela tem condições para isso, pois é uma escritora agora reconhecida. Ela se enquadra, portanto, no quesito “mães solteiras por escolha” [já que] é uma descrição adequada para certas mães solteiras, normalmente aquelas que possuem recursos suficientes para administrar satisfatoriamente um lar monoparental” (GIDDENS, 2012, p. 259).

Enquanto destacamos a “produção independente” de Anita, Narelle, personagem do romance *Ithaca Road*, de Paulo Scott (2013), se destaca por ser uma mulher que exerce funções com um certo *glamour*, pois ela trabalha com a indústria da moda, fazendo garimpagem de estampas. Ao passar por dificuldades para administrar seu próprio negócio, o irmão a chama a Sidney e, com isso, a maior parte de seu tempo é dedicado a resolver os problemas que o irmão deixara. Pelo exposto, percebemos o quanto sua vida profissional é o centro de sua existência, o que vem a ser importante para nossa discussão sobre as mudanças no que tange às relações de gênero e o lugar das mulheres na sociedade. Ao ser gerente de um restaurante e trabalhar com moda, ela se difere da maioria das mulheres de outras épocas, as quais, obrigatoriamente, deveriam casar e ter seus filhos, além de cuidar do trabalho doméstico.

O que se percebe em relação à coleção é que as mulheres são representadas ocupando lugares de prestígio: Anita é uma escritora, Narelle é uma profissional que viaja o mundo em busca de melhores estampas, e Camila, personagem de *Nunca vai embora* de Chico Mattoso (2011), é uma cineasta recém formada, enquanto que em *Barreira*, de Amílcar Bettega (2013), Fátima é fotógrafa. A forte presença das mulheres da coleção no mercado laboral remunerado vem ao encontro da ideia que pode ser descrito como a “feminização” do trabalho,

⁵ A tese intitulada *Romances de viagem: políticas e poéticas da mobilidade contemporânea na coleção literária Amores Expressos* foi apresentada no Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários e analisa a coleção pelo viés da mobilidade dos personagens. Para maiores informações: <https://repositorio.ujf.br/jspui/handle/ufjf/4586>.

pois nas últimas décadas segundo Giddens (2012), as mulheres vêm entrando no mercado de trabalho e quebrando esta esfera – trabalho remunerado – que era predominantemente masculino. Todavia, prevalece, em certo sentido, uma percepção sobre as divisões de tarefas para “meninos” e “meninas”: vemos que todas estão em um circuito artístico, o que remete ao estereótipo da mulher sensível e que se expressa nas artes.

Camila no livro *Nunca vai embora* é retratada como uma mulher independente e cheia de iniciativa. Na história, ela mora com Renato, um dentista meio frustrado que seguiu os passos de um pai tóxico. O autor mostra, por um lado, um homem sem iniciativa, que preferiu ficar “embaixo das asas” do pai e uma mulher cheia de vida e entusiasmo. Aliás, foi ela quem incentivou a viagem para Cuba. Em se tratando do relacionamento do casal, eles moravam juntos há mais de um ano⁶.

Narelle, do livro *Ithaca Road*, se apresenta como uma mulher independente financeiramente e mantém um noivado à distância, o que destoa do tradicional papel da mulher em nossa sociedade. Inclusive, ela se aventura em um relacionamento mais íntimo com sua amiga Anna: “Narelle se deita. Anna tira toda a roupa e se deita na cama com Narelle. Então Narelle beija sua boca, no pleno comando desta vez, suga seus lábios e faz as línguas se encontrarem” (SCOTT, 2013, p. 94).

Vimos, então, o empoderamento das mulheres presentes dentro da coleção, ou através da vontade de ter um filho na chamada “produção independente”, ou mesmo o sucesso no campo profissional, mulheres cheias de iniciativa que se deslocam para outros países, abertas para novas vivências, inclusive sexuais.

Seguindo nossas análises, Regina Dalcastagnè, em seu livro *Literatura brasileira contemporânea* (2012) assinala que nossa literatura é bastante homogênea em relação à produção de obras, basta olhar em livrarias, bibliotecas ou concursos literários que há uma predominância de autores homens, brancos, oriundos das cidades ou do Rio de Janeiro ou de São Paulo. É comum encontrar algumas ausências “entre as personagens mesmo – das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e até das mulheres” e que “os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens, brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média...” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 148). Mesmo citando vários setores da população que são esquecidos na literatura brasileira contemporânea, a autora esquece dos transexuais e dos travestis, os quais são também pouco representados.

Como estamos falando de transexuais, entremos no mundo de *Do fundo do poço se vê a lua* de Joca Reiners Terron (2010). Esse romance de formação conta a história de Wilson e William, irmãos gêmeos, nascidos na cidade de São Paulo. Wilson narra sua história desde a mais tenra idade até a decisão de fazer a cirurgia de redefinição de sexo, daí sua história continua com a mudança para o Egito, até seu encontro com o “fundo do poço”. Wilson narra a jornada em busca de sua verdadeira identidade sexual e, na infância, em suas brincadeiras, se mostra interessado no mundo feminino, inclusive, se vestindo de mulher:

- Por que é que você tá vestido de *mulher* – ele me dizia então.
- Ué, pra brincar de ser *mulher*. Você também não se veste de caubói e vira o Billy the Kid?
- É, mas o Billy the Kid é muito macho.
- E a Cleópatra é muito *mulher*, ora.
- Tá certo. E o que eu faço agora, com uma rainha egípcia no meio da minha história de faroeste? (TERRON, 2010, p. 43, grifos do autor).

William questiona o papel do irmão: ora, se ele é um menino, é esperado que brinque e vista-se como tal – aqui, o menino Wilson já se encontra “fora do lugar”. É interessante apontar ainda que o brincar surge enquanto uma verdadeira peça teatral em que se monta e se desmonta um personagem: no caso, Wilson brinca de ser mulher como se escamoteasse sua verdadeira faceta.

Na adolescência, os irmãos saem da proteção do lar e “caem” na rua, começam a viver suas primeiras experiências sexuais e, inclusive, frequentam os “inferninhos” da Rua Augusta. É nessa fase que Wilson se dá conta de que possui um órgão sexual, mas não se identifica com o simbólico atrelado ao falo, ele não encontra seu pênis, não o sente: “enfio as unhas entre os pentelhos e vasculho, mas nada encontro” (TERRON, 2010, p. 134). Na verdade, seu pênis aparece em sua primeira relação sexual para logo desaparecer: “aquela sombra que diminuía de tamanho enquanto esmaecia foi o único indício da real existência de meu pau durante toda a adolescência” (TERRON, 2010, p. 158).

⁶ É importante salientar que Serginho do livro *Estive em Lisboa e lembrei de você* de Luiz Ruffato (2009), é divorciado, o que demonstra o quanto a relação familiar vem se modificando ao longo do tempo. Como essa análise apontou mudanças na vida das mulheres, não caberia, portanto, focalizar a vida de um homem.

Aliado a essa divergência corpo *versus* psiquê, Wilson deseja ardentemente se livrar da imagem do irmão e, assim, ele procura a cirurgia de redefinição de sexo. Para fazer a correção da falha da natureza, Wilson trabalha como cabeleireiro, junta dinheiro, conversa com psicólogo e um médico chamado por ele como “Dr. Fransextein”, em uma clara alusão ao romance de *Frankenstein* (2016), de Mary Shelley: a falha da natureza – ter nascido mulher em um corpo de homem – deve ser consertado pelo médico que neste caso transforma a falha sexual (“sextein”) em perfeição. Portanto, a cirurgia de redefinição de sexo pode acontecer hoje pois “a identidade de gênero, e como deve se expressar, tornou-se por sua vez uma questão de opções múltiplas – chegando até a incluir a escolha de continuar a pertencer anatomicamente ao mesmo sexo com o qual se nasceu” (GIDDENS, 2002, p. 200); e, dessa maneira, Wilson decide: “ainda não tenho certeza se conseguirei o dinheiro necessário, mas hoje decidi que farei a operação” (TERRON, 2010, p. 134).

Mas a história de Wilson (que se torna Cléo) nos mostra um fim trágico, fruto do preconceito. Tal discussão será retomada mais à frente, quando mostraremos como a transexual Cléo é brutalmente assassinada. Indo adiante em nossas discussões sobre as diferentes sexualidades presentes na coleção, dialogaremos a seguir sobre os relacionamentos heterossexuais e homossexuais.

As categorias “heterossexuais” e “homossexuais” foram construídas ao longo do tempo e ao redor da figura dos “homos” recai uma névoa quase sempre excludente. Segundo Michel Foucault (2014), as sociedades eram mais permissivas até o século XVII mas, com a chegada da burguesia vitoriana ao poder, a sexualidade foi enclausurada, encontrada e permitida somente no quarto dos pais, fazendo com que o casal homem/mulher tornasse o padrão a ser seguido, excluindo, portanto, todos aqueles que saem da norma heterossexual.

Retornando um pouco à Grécia clássica, Jan Bremmer (1995) afirma que nessa cultura era normal um homem mais velho se relacionar com meninos adolescentes, já que tal relacionamento era visto como um passaporte para que o jovem fosse capaz de entrar no mundo da alta sociedade. Diante de um longo percurso da história, lembremos ainda que a homossexualidade já foi taxada de pecado, crime e se transformou em doença (FRY, 1991; SULLIVAN, 1996).

Em se tratando da coleção *Amores Expressos*, encontramos casais homossexuais e héteros. Como foi mencionado anteriormente, os casais heterossexuais apresentam um relacionamento em que a intimidade vem a ser mais importante do que a instituição “casamento” e o amor romântico. O que vemos é a expressão de um amor maduro em que o casal decide “morar junto”, sendo a união estabelecida através do desejo de intimidade e não por uma obrigação instituída. Talvez o traço da atualidade mais presente nas obras é a disposição de se fazer um laço, mas ao mesmo tempo desatá-lo quando necessário, o que nos remeteria à fragilidade dos laços humanos, como definido por Zygmunt Bauman (2004, s/p) em seu livro *Amor líquido*: “de qualquer modo, eles [os vínculos] só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes”.

Os vínculos amorosos são porosos na coleção, os relacionamentos podem ser feitos e desfeitos a qualquer hora. Serginho de *Estive em Lisboa e lembrei de você* constitui um outro exemplo dessa porosidade: ele se divorcia e migra para Portugal para tentar a sorte. Já Camila, em *Nunca vai embora*, deixa o namorado sozinho – não se sabe se ela o deixou ou se foi sequestrada; Anita, em *Cordilheira*, deixa Danilo e segue sua viagem para Buenos Aires; Robert e Hélène de *Barreira* estão no processo de divórcio; Juliana e Shunsuke de *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de J. P. Cuenca (2010), é um casal com intenso relacionamento sexual, mas que assim como os outros, não registra nenhum tipo de compromisso mais sério, principalmente, se compararmos com relacionamentos “até que a morte nos separe” de alguns anos atrás.

Diante de vários casais heterossexuais como citados anteriormente, encontramos um casal homo: Ruslan e Andrei em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009). Embora haja um desejo intenso de viverem juntos, o romance do casal é sempre interrompido, principalmente, por residirem em países cuja homossexualidade é extremamente estigmatizada e criminalizada. O romance acontece às escondidas, ambos não se permitem (ou não são permitidos?) a “sair do armário”. Já em *Barreira*, de Amílcar Bettega (2013), há a descrição de uma cena sexual gay, mas não conseguimos perceber se é um relacionamento sério ou passageiro. Cabe ressaltar que há uma aura positiva na descrição da cena homo, em que Marc – que reconta a cena – descreve como uma cena repleta de poesia:

Fiquei algum tempo ali, disse Marc, admirando a lenta beleza daqueles movimentos, e foi só quando comecei a ouvir o som da minha respiração é que me dei conta que eles faziam tudo aquilo no mais absoluto silêncio, não havia nenhuma palavra, nenhum som ou murmúrio nada, tudo no mais absoluto silêncio e em câmera lenta. Eu nunca tinha visto dois homens transando, disse Marc, e confesso que esperava uma coisa mais viril, entende? Estava surpreso com a poesia daquilo (BETTEGA, 2013, p. 187).

Esse teor otimista mostrado pela cena descrita difere dos estudos de Eliane Borges Berutti (2010). Ela afirma que na literatura gay houve um *boom* de histórias com a presença da AIDS, principalmente, depois de Stonewall: “a inevitável abordagem da Aids constitui tema da literatura gay post-Stonewall principalmente nos anos 1980” (BERUTTI, 2010, p. 52). Como a coleção é relativamente atual, não se percebe a presença da referida doença relacionada aos personagens gays, o que a nosso entender é um grande ganho. Acreditamos ainda que essa “não presença” se deve a fatores de ordem cultural: a mudança de concepção em relação a enfermidade – já que homens e mulheres heterossexuais também contraem-na se caso façam sexo desprotegido – e também em relação a melhora da qualidade de vida dos doentes, principalmente, com o coquetel retrovirais, o qual atua evitando que o vírus HIV debilite ainda mais o organismo do paciente.

Já a homossexualidade feminina surge em momentos esporádicos na coleção, momentos em que ao nosso entender, as mulheres se permitem a experimentação sexual. É assim com Narelle em *Ithaca Road* (a cena foi descrita anteriormente) e Iulana em *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*:

Iulana Romiskowska se aproxima de Kazumi, envolve os pés da amiga que somem por trás das suas mãos largas, e beija cada um dos pequenos dedos, antes de alcançar pela primeira vez o bico dos peitos e a boca da dançarina (CUENCA, 2010, p. 64).

Percebemos, pois, que a homossexualidade masculina é uma afirmação e uma certeza nos personagens, enquanto a feminina aparece de maneira contextual e fluida, no âmbito de uma curiosidade e no desejo de constituir novas experiências sexuais.

Seguimos em frente e no próximo tópico, exploraremos as outras formas de sexualidade presentes na coleção *Amores Expressos*. Como se pode perceber diante de nossas discussões realizadas até aqui, na coleção raramente vemos o amor como condição *sine qua non* para o sexo, como se poderia pensar em alguns anos atrás.

No *Livro de Praga*, de Sérgio Sant’Anna (2011), Antônio Fernandes é um escritor que é convidado (assim como na própria coleção) a viajar para escrever sobre suas experiências. O inusitado em sua história é que ele vivencia experiências sexuais que são diferentes das tradicionais. Praga se torna uma cidade erótica, a qual o convida a mergulhar em experiências que não necessariamente estão ligadas ao sexo carnal.

O livro está dividido em sete capítulos, seis são descrições de “relações sexuais”. A primeira é com uma pianista – e enquanto a mulher está tocando uma canção, o toca também, fazendo com que o “sêmen [saia] num jato lançado sobre o pé de Béatrice” (SANT’ANNA, 2011, p. 33). Essa relação se dá com os toques dos dedos da mulher pois Béatrice diz “não se esqueça de que o melhor que pode esperar de mim vem dos dedos” (SANT’ANNA, 2011, p. 33). Percebemos, portanto, que o foco sexual não incide nos órgãos sexuais, mas nos pés e isso é novo para o personagem: “com a extrema habilidade dos dedos alongados de sua mão, ela tocava em pontos do meu pé que me faziam distender-me como nunca e descobrir como podiam ser imprevisas as ligações entre as partes do corpo” (SANT’ANNA, 2011, p. 32).

A segunda relação sexual acontece com Giorgya, a qual depois da noite de sexo, é encontrada morta no rio: a mulher era uma suicida. Então, andando pela cidade, Antônio vê a estátua de Francisca “aquela escultura parecia tornar a pedra viva, e eu contemplava agora seus pés descalços, suas coxas e seus seios firmes, seu belo rosto estampando um amor sereno e até discretamente sensual face ao suplício” (SANT’ANNA, 2011, p. 68). Essa imagem da mulher excitante o faz “viajar” para o interior da cela da santa, onde imagina uma vivência sexual com ela. A “mulher pedra”, estática se transformou em uma fantasia sexual.

Sua outra inusitada experiência sexual foi com a boneca Gertrudes. Ao levar a boneca para o quarto, ele meio que sentia (ou imaginava) sua alma. Assim como nós, seres humanos, damos “alma” aos objetos, Antônio Fernandes sentia o espírito da boneca:

Sim, como se ela estivesse presente no quarto, possuísse alguma espécie de vida, e isso não apenas por uma projeção minha, mas também por um espírito que a animava, manifestando-se em suas feições, em seu rosto como que absorbo, mas de que modo que Gertrudes parecia reagir, timidamente, a minha presença, ao meu olhar sobre ela (SANT’ANNA, 2011, p. 85).

O tato da boneca e o simples olhar dela traz a Antônio lembranças de sua infância, cenas em que meninas não o deixavam brincar e até a cena em que se escondeu num armário com uma garota, quando ao encostar o braço nos seios do “corpo ainda incompleto” (p. 88) ele se excitara. E nessa história de Antônio temos uma controvérsia, pois percebe-se um “desejo perverso” em relação às crianças, mas, ao mesmo tempo, a

impossibilidade hoje de se ter relações sexuais com elas. Hóspedes do hotel ouviram a voz de uma menina, a qual trocava com o homem palavras obscenas, o que nos faz indagar: será que havia uma garota real com Antônio, já que os vizinhos de quarto ouviram sua voz? Será que todos estavam em um tipo de surto coletivo? O caso é que havia uma menina no quarto e em nossa sociedade, a pedofilia é tida como crime pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. De qualquer maneira, ter um desejo sexual por uma boneca – a qual remete a um mundo infantil – é também estranho, parece aqui que Antônio é um homem pervertido.

Logo em seguida, ele é “convidado” a ver fragmentos do texto de Kafka tatuado no corpo de uma mulher nua. O desejo dele vai aumentando cada vez que Jana – a mulher tatuada – lê as obscenidades escritas em seu corpo, supostamente escritas pelo referido escritor:

e passou-me pela cabeça despir-me e deitar-me com ela, possuí-la assim de costas, mas sabia que isso não me seria permitido, sabe lá que reação iria provocar em Jana e Peter, o trato era outro, e então eu deveria permanecer com o desejo aceso, o desejo infindável de quem não se sacia, possuindo Jana apenas com a visão de seu corpo com suas letras, palavras e fantasias (SANT'ANNA, 2011, p. 120).

Nessa cena, o desejo surge ao olhar um corpo nu, a excitação decorre da junção entre o olhar o corpo e ouvir a voz obscena da mulher, voz essa que lê um texto também obsceno. Diante dessa cena erótica, Antônio sente um “desejo infindável” pela mulher. E, por fim, Antônio se envolve com a tenente Markova; cabe aqui uma pequena menção ao fato de Antônio estranhar a feminilidade do corpo da policial: “tive a grande emoção de ver a sua boceta discreta e bonitinha, o contrário do que se poderia esperar, estereotipadamente, numa policial” (SANT'ANNA, 2011, p. 129). Desprendemos dessa passagem a dicotomia entre a imagem criada sob o que é ser mulher – feminina, fraca, dona de casa, mãe – com a mulher que Markova apresenta: uma mulher que trabalha em uma posição de comando, independente e que mesmo vivendo no contexto policial, mantém sua feminilidade, mesmo não sendo parecida com a ideia pré-concebida por ele.

Pelo que foi exposto, percebemos o quanto os envolvimento sexuais de Antônio são fora do padrão.

Já em *Digam a satã que o recado foi entendido*, de Daniel Pellizzari (2013), chamamos a atenção para a questão da indústria pornográfica. Lembrando que no projeto coleção *Amores Expressos*, o escritor precisava escrever um blog enquanto viajava, é mister apontar que em seu blog, Pellizzari⁷, faz menção ao ator pornográfico Rocco Siffredi, o que vem a refletir dentro do romance, pois um personagem agradece aos céus por existir a internet: “ – Dupla penetração. Dupla penetração é a tendência, parcêro. Agora quase toda a mulherada aceita experimentar, não é mais tabu. Senhor Deus Todo-Poderoso, muito obrigado pela rede mundial de computador” (PELLIZZARI, 2013, p. 35), o que Magnus reflete:

Segundo a teoria de Barry [colega de Magnus, que disse a frase citada acima], o acesso instantâneo às mais variadas modalidades de pornografia promovido pela internet aumentou de forma estratosférica o nível de aceitação das mais variadas modalidades sexuais. Num mundo onde a coprofagia informal e as surubas entre pessoas vestidas como animais felpudos estão a um clique de distância, nada mais parece estranho. Nada mais parece novo. E o tédio, como se sabe, é o primeiro degrau na escadaria da perversão (PELLIZZARI, 2013, p. 36, inserção nossa).

Ao contrário de Barry, Giddens (1993) acredita que a indústria pornográfica transforma o sexo em mercadoria e a mulher, em simples objeto de desejo:

A pornografia podia ser encarada como a transformação do sexo em mercadoria, mas esta seria uma visão muito parcial. A atual explosão de material pornográfico, grande parte dele dirigido principalmente aos homens, e em sua maioria exclusivamente consumido por eles, assemelha-se muito na forma à prevalente concentração no sexo de baixa emoção e alta intensidade. A pornografia heterossexual exibe uma preocupação obsessiva com cenas e posições padronizadas em que a cumplicidade das mulheres, substancialmente dissolvida no mundo social atual, é reiterada de modo explícito (GIDDENS, 1993, p. 134).

Portanto, se por um lado há a ojeriza em relação aos filmes pornográficos, ou mesmo uma visão negativa assim como Giddens (1993) aponta, há aqueles que, por outro lado, veem os atores pornôs como os que dão asas à imaginação e que a sexualidade pornográfica, ou melhor dizendo, os sets de filmagem, são locais propícios para fazer aquilo que a cultura não nos permite realizar.

⁷ Para maiores detalhes, consultar <http://blogdodanielpellizzari.blogspot.com.br/>.

Continuando nossa análise, se a pornografia vem a ser um “ente estranho” na coleção, mais deslocado ainda é a ideia de se ter uma boneca de silicone como companhia para noites solitárias. Isso já está acontecendo no Japão, homens maduros perdem suas esposas e escolhem bonecas realísticas para os acalantar. *A rabu doru*, a boneca do amor, faz companhia a homens viúvos e com necessidades especiais, e não são vistas como objetos, mas como seres com alma humana (PRESSE, 2017, s/p). Em *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, o Senhor Okuda possui uma destas bonecas do amor que na narrativa, é capaz de ter seus próprios pensamentos, seus próprios sentimentos.

O Senhor Okuda possui um filho, Shansuke, o qual namora lulana. O pai aqui é totalmente tóxico, pois o Senhor Okuda possui um escritório de espionagem que ele supervisiona tudo o que o filho faz; segundo Shansuke “me acostumei com essa vigilância desde cedo - aprendi a vigiar sendo vigiado por meu pai” (CUENCA, 2010, p. 14).

A nosso ver, a intenção do Senhor Okuda de compartilhar sua cama com a boneca, com a lulana e com o próprio filho, é como se tal relação grupal caracterizasse uma espécie de incesto às avessas: o controle e o contato com o filho aconteceria através tanto do corpo da Yoshiko quanto através do corpo da estrangeira. lulana, a qual possui uma sexualidade fluida, pois acaba desejando a sua colega de quarto: “ninguém poderia saber, além de nós, mas lulana está apaixonada - ou desconfia que sim, já que não é grande conhecedora dos próprios sentimentos. O que ela pensa sentir pela dançarina Kazumi está numa encruzilhada entre a admiração de uma caçula pela irmã mais velha e o desejo de posse total” (CUENCA, 2010, p. 32).

E assim como lulana, Narelle personagem de *Ithaca Road*, também possui uma sexualidade fluida, pois além do namoro à distância, ela se permite vivenciar outras experiências sexuais – ela se permitiu ter uma relação sexual casual com um homem desconhecido e depois disso, teve um relacionamento íntimo com sua amiga autista: “Anna pergunta como é a sensação de um beijo e, inesperadamente, se levanta da cadeira e tenta beijá-la na boca. O susto causado por aquele gesto não impede Narelle de corresponder ao beijo (...)” (SCOTT, 2013, p. 94).

Para finalizar, esse tópico trouxe a discussão de outras vivências sexuais, diferentes das heteronormativas. Mulheres fortes e independentes – profissionalmente e sexualmente –, a possibilidade de mudança de sexo, a menção a indústria pornográfica, o relacionamento com bonecas do amor, até as experiências sexuais entre mulheres. Ante o exposto, até aqui vimos aspectos múltiplos que positivam a sexualidade. Logo a seguir, relataremos as distopias que a coleção apresenta para as vivências sexuais diferentes da norma padrão.

3. DISTOPIAS

Diante de todas discussões realizadas até o momento, prosseguimos com o que entendemos sobre distopia. Para Hilário (2013) a distopia “é a palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento mais *topos* (lugar). Num sentido literal, significa forma distorcida de um lugar” (HILÁRIO, 2013, p. 205, grifo do autor). Desse modo e pensando nos objetivos deste trabalho, a distopia sexual pode ser pensada em uma sociedade anormal, que não aceita a diferença sexual; uma sociedade, portanto, que vê a diversidade sexual com maus olhos: a presença de diferentes seres sexuais demonstra que a sociedade não está funcionando bem e por isso, é preciso exterminar, humilhar e rebaixar tudo aquilo que difere da heteronormalidade.

Tendo explicado o que entendemos sobre utopia sexual, a partir deste momento, veremos como a coleção *Amores Expressos* apresenta os personagens que saem do padrão heterossexual, como apresenta seus finais e como algumas mulheres, principalmente, migrantes de países subdesenvolvidos/colonizados surgem através de personagens que precisam se prostituir para sobreviver.

Em relação à coleção, as personagens são levadas à prostituição; e, essa atividade nem sempre surge como uma escolha deliberada, mas como decorrência da falta de condições financeiras, da visão da mulher como objeto de desejo que é vendido e oferecido por outrem. Quando um tipo de relação sexual em determinada sociedade é relegado ao estigma, para se ter acesso a tal desejo, faz-se o ato às escondidas. É importante lembrar que tanto as mulheres aparecem como objeto sexual, quanto os homens – Andrei (lembremos que ele é homossexual) é obrigado a se prostituir também – e a transexual Cléo é “vendida” por seu próprio amante.

Vejam como isso acontece nos romances. Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, o personagem Serginho sai de Cataguases – Minas Gerais – e vai tentar a vida em Lisboa. Lá, ele conhece Sheila, uma prostituta brasileira que se vende nas ruas da capital portuguesa. No caso de Sheila, a prostituição é uma consequência de uma vida repleta de misérias: primeiro ela foge da fome, depois foge de casa e encontra um

trabalho, começa a estudar, mas desiste dos estudos. Ao saber que há um recrutamento de mulheres para trabalhar na Espanha, resolve partir para melhorar financeiramente sua vida. É interessante apontar que Ruffato (2009) faz menção a duas mulheres de ex-colônias: Sheila sai do Brasil – país “descoberto” em 1500 por Portugal – e a mulher angolana esposa do Sr. Baptista – a qual vende seu corpo para sustentar a família. Senhor Carrilho, vizinho de Serginho e da família Baptista – aponta a miséria como a principal fomentadora da prostituição:

(...) e especulei do seu Carrilho se o angolano e a mulher desentendiam muito, e ele, respondendo “Ao contrário, vivem bem”, ficou abestalhado com a minha cegueira, *todos* sabiam que, quando o Baptista Bernardo refugiava lá embaixo com as crianças, é porque tinha arranjado freguês pra mulher, uma africana alta, magra e sorridente, conhecida minha de **bons-dias**, e abismado perguntei como alguém pode sequer pensar em *alugar* a própria esposa, e seu Carrilho, filosofando, “É a miséria, filho, a miséria (...)” (RUFFATO, 2009, p. 54, grifo do autor).

Em *O filho da mãe*, mais uma vez, a prostituição surge na coleção, só que com uma diferença: aqui há a prostituição masculina homossexual. Andrei que fora expulso de casa pelo padrasto, foi obrigado a se alistar no exército, e a partir daí, começa a atuar na prostituição: “(...) forçado a arrecadar verbas para completar o salário dos superiores e sustentar o quartel falido” (CARVALHO, 2009, p. 98). Além disso, a cidade de São Petersburgo, berço do relacionamento homossexual entre Andrei e Ruslan apresenta-se como uma cidade escurecida e cheia de ruínas, o que acaba nos fazendo associar a homossexualidade como o interdito e, dessa maneira, “a homofobia (...) fez com que a história de amor entre os dois passasse despercebida pela sociedade, tendo que ser vivida às margens e na sombra” (FOIS-BRAGA, 2017, p. 346-347).

No caso de *Do fundo do poço se vê a lua*, vemos jovens se prostituindo também, devido à miséria das condições materiais. As casas de prostituição da Rua Augusta era o *point* de Wilson e William e, em uma dessas casas, Wilson vê sua paquera se prostituindo para obter dinheiro suficiente para jogar no fliperama:

Eu apenas testemunhava seu trabalho árduo no bas-fond do bar, sua faina diária e pesada de lamber sacos e de masturbações compulsórias, e lamentava um bocado por aquilo tudo. (...) e o que acontecia lá dentro era, para todos os efeitos daqueles garotos rudes, apenas a aplicação mais abjeta do único princípio a reger verdadeiramente este mundo: o da lei da sobrevivência (TERRON, 2010, p. 90).

E depois que Wilson torna-se Cléo, depois da viagem São Paulo a Cairo, ela conhece Hosni, tornando-se seu amante. Vendo a dançarina do ventre como sua propriedade, típico de sociedades patriarcais, Hosni a ofereceu “às hienas”. Vendo o lucro na transação em vender a dançarina, Hosni não hesita em dá-la ao xeique:

Eu me levantava da água em busca de uma toalha para me cobrir quando um safanão atingiu meu rosto. Caí aos pés do xeique no tempo em que ele erguia suas roupas e empurrava minha cabeça com violência em direção ao seu pau duro. Era mesmo incrível: eu afinal tinha um palácio e um príncipe de verdade só para mim (TERRON, 2010, p. 244).

Em *Barreira* de Amílca Bettega, também percebemos a presença da prostituição. Ibrahim vai para Istambul para procurar sua filha Fátima que acabou desaparecendo. Ao flunar pela cidade com o filho/sobrinho de um amigo de infância, ele entra em um bar e logo duas mulheres se aproximam, Alena e Vilina:

Vilina tinha vinte anos e era ucraniana como a maioria de suas colegas, mas havia também russas, lituanas, romenas, búlgaras, moldavas e polonesas, todas vindo trabalhar e ganhar algum dinheiro para financiar os estudos (...) (BEETTEGA, 2013, p. 55-56).

Diante do exposto, podemos concluir que as vítimas da prostituição, em última análise, são as mulheres migrantes e os homossexuais, práticas essas oriundas da miséria e da opressão.

Em seguida, analisaremos os finais trágicos de alguns personagens e como a morte se insinua na vida daqueles que são diferentes. Por fim, tentaremos responder qual a moralidade que podemos observar, implicitamente, nas obras.

Resumidamente, em se tratando das mulheres, Anitta aborta em *Cordilheira*, tendo um final completamente diferente do que planejara, pois ter um filho era o seu grande sonho (o qual foi frustrado); em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, Sheila e a angolana provavelmente continuam se prostituindo em Portugal; em *Nunca vai embora*, Camila some (ou é sequestrada?) do enredo, deixando seu namorado desamparado e

sem rumo; em *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, Iulana morre em um acidente de trem, planejado pelo Senhor Okuda, pai de Shansuke. Em *Ithaca Road*, Narelle reencontra com seu noivo e, ao que parece, aceita o pedido de casamento.

Em se tratando dos personagens masculinos, Serginho, de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, não vê seu sonho de retornar para o Brasil concretizado, pelo contrário, ele tem seu passaporte roubado por Sheila e, com isso, o retorno fica mais difícil de ser conseguido. Em *O Livro de Praga*, Antônio, depois de tantas “perversões”, é convidado pelas autoridades locais a sair do país; Magnus, de *Digam a Satã que o recado foi entendido*, reata com a ex, estando essa grávida de outro homem.

Em *O filho da mãe*, o casal homossexual morre separadamente, de forma extremamente trágica. Ruslan é espancado e assassinado pelo seu próprio meio-irmão, enquanto que Andrei, ao tentar salvar uma família camponesa, é morto por outro recruta. Em *Barreira*, Lucas surge na história pela lembrança e a fala de outras pessoas, mas o fato é que como artista performático, ele se suicida tendo se inspirado em outra obra, a qual retoma o grande incêndio do Grande Bazar Turco.

Mesmo tendo o recurso da medicina para a cirurgia de reconfiguração de sexo e mesmo indo morar em outro continente para se tornar a “rainha retornada” do Egito, Cléo é quem sofreu a morte mais horrenda. Delatada por um desafeto, Hosni descobre que sua amante passara por uma cirurgia de mudança de sexo e, em seguida, a espanca “Hosni esmurra meu rosto sem piedade. Ele chuta minha boca e os dentes voam. O sangue molha a areia em torno dos dentes caídos. Ele não diz nenhuma palavra. Faz isso de forma tão abnegada como se cumprisse uma obrigação” (TERRON, 2010, p. 275). Depois, é violada pelo grupo musical de El Cairo:

Ziad me levanta pelas axilas e me põe de bruços sobre a mureta. Posso ver o fundo seco do poço fracamente iluminado pelas estrelas enquanto ele me estupra. Há um reflexo fosco batendo no que parecem ser pedras lá no fundo. Hassan substitui Ziad com o mesmo entusiasmo frenético. No momento em que goza, ele força com as mãos meu pescoço para a frente e passo a enxergar melhor o que está no fundo do poço. Não são pedras, mas ossos humanos tão antigos que até perderam sua brancura (TERRON, 2010, p. 276).

A cirurgia, como forma de resistência ao sistema heterossexual fez com que Cléo se enquadra, mas, ao mesmo tempo, foi seu passaporte para a morte. Em uma sociedade como as nossas, patriarcais e repletas de moralidade acerca da sexualidade e do corpo, fazer essa mudança é radical e vista como um pecado hediondo; dessa maneira, Cléo tem o centro de sua racionalidade cortada e jogada no fundo do poço, é morta como se fosse um animal:

Com um movimento brusco, ele separa meu pescoço de minha cabeça, que cai dentro do poço. Depois, dá um pontapé no meio de minhas costelas, buscando reunir no fundo seco do poço as duas partes de meu corpo separadas contra minha vontade. Enquanto caio, eu pisco os olhos na escuridão, tento cantarolar uma canção sem que minha língua obedeça e vejo vovó Univitelina ao lado de sua irmã gêmea natimorta. Elas reluzem e flutuam no espaço e sorriem para mim e dizem sim enquanto eu despenco (TERRON, 2010, p. 277).

Portanto, a moral é que a diferença em relação a sexualidade deve ser eliminada. Cléo “retorna” mais uma vez, agora como um “defunto autor⁸” para resgatar sua história e, assim, poder vingar sua morte. É como se o corpo de Cléo se separasse da alma e voltasse ao mundo para dar voz à sua vivência, pois “sob tortura, o corpo fica tão sujeitado que é como se a “alma” – isso que no corpo pensa, simboliza, ultrapassa os limites da carne pela via das representações – ficasse separada dele” (KEIL, 2004, p. 11).

A morte física se mescla a outras formas de violências, principalmente, em relação às mulheres, aos gays e a mulher trans, o que converge com a seguinte análise de Anderson Ferrari (2009):

Dessa forma, a homossexualidade, assim como outras formas de expressão sexual marginalizada, é expulsa, é negada e reduzida ao silêncio. Desde sua origem, a homossexualidade foi ligada à ideia de morte. Morte revelada na defesa de que a homossexualidade não existe e não deve existir e se insiste em aparecer, em se mostrar, deve-se fazer desaparecer – seja em atos ou palavras. Morte e sexualidade se tornaram tabus, traduzindo toda dificuldade em trabalhar e mesmo em falar abertamente desses temas (FERRARI, 2009, p. 204).

⁸ Em referência ao romance de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Como exposto até o momento, percebemos que diante das utopias sexuais, existem também muitas distopias, pois o paraíso transformou-se em inferno. Para corroborar essa ideia, Fois-Braga (2017) acrescenta:

[...] não teve final feliz a ida de Andrei para Grózní, posto que foi morto; Anita sofreu um aborto e Holden se suicidou em Cerro Bonete; já William saiu para Cartum em uma deriva sem objetivo; enquanto Cleo, viajando a trabalho para Sharm el-Sheik, teve o segredo de sua transexualidade revelado e, na sequência, foi assassinada no trajeto de retorno e sendo lançada no referido poço (p. 251).

A morte física veio em um crescente de violências sofridas por Cleo, Iulana, Lucas, Ruslan e Andrei. O desaparecimento – morte simbólica? literal? – de Fátima, Sheila e Camila também são resultados de violências sofridas por elas e que causam angústias e solidão em seus companheiros de viagem: Ibrahim, Serginho e Renato (FOIS-BRAGA, 2017, p. 381).

Antes de partirmos para as considerações, é importante ressaltar que as “mulheres” de Antônio Fernandes, de *O livro de Praga*, se baseiam também em estereótipos que dividem as mulheres em categorias: as mulheres clássicas (como a pianista), as mulheres melancólicas e solitárias (suicida), as ingênuas e puras, (como a bonequinha de pano) e as mulheres que se guardam (as santas) e o amor platônico, representado por Jana.

Pelo exposto até o momento, a coleção *Amores Expressos* foi produzida por uma maioria de escritores do sexo masculino, e analisando as narrativas da coleção, podemos extrair uma moralidade: aqueles que vivem sua sexualidade fora do padrão devem morrer, como forma de punição e as mulheres também devem sofrer, já que de qualquer maneira, a mobilidade dessas mulheres não é bem-vinda em um mundo patriarcal e machista – talvez, aqui, a ideia é de que mulher deva ficar na segurança do seu lar, imóvel em seu domicílio. A seguir, partiremos para as considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo discutir as utopias e distopias sexuais presentes nas obras da coleção *Amores Expressos*. Vimos as utopias através da liberação sexual da mulher, a presença marcante da mulher no mercado de trabalho, a transexualidade – permitida pela inovação no campo médico, através da cirurgia de mudança de sexo –, a presença de personagens tanto homo quanto heterossexuais, o desejo sexual que surge em diferentes partes do corpo, estátuas e bonecas que abrem possibilidades sexuais, a indústria pornográfica que vem modificando desejos sexuais, fora a presença das “bonecas do amor”.

Por outro lado, vimos também as distopias, a venda de sexo por parte de mulheres migrantes e rapazes homossexuais, tendo como estopim a miséria e a opressão. Além disso, vimos também que mulheres, homossexuais e a mulher trans são fadadas a encontrar um desfecho doloroso e mortífero.

Lembremos que toda pesquisa precisa ser recortada e nossa intenção foi tratar sobre como a sexualidade aparece nas obras, quais sexualidades marginais aparecem e o que acontece no desfecho dos enredos.

Em se tratando de questões positivas, enfatizamos que a coleção *Amores Expressos* traz a diferença sexual, não com enfoque negativo explícito, pelo contrário, gays não são ligados ao homossexualismo (palavra de cunho médico), mas são referidos a palavras com teor positivo; porém, implicitamente, eles são assassinados, torturados, trazendo a ideia de uma moralidade, a qual diz que a transgressão ao padrão heterossexual precisa sofrer, necessariamente, uma punição. A questão das mulheres também passa por isso: por um lado, elas são retratadas como independentes, donas de si, com alta mobilidade espacial, detentoras de saber e prestígio em seus trabalhos; mas, por outro lado, retornam aos seus lugares de partida bastante frustradas – Anitta volta sem o seu bebê, Narelle retorna para casar (depois que vivenciou inúmeras aventuras sexuais), Camila nem ao menos retorna ao enredo. Já Cléo sofreu todas as violências possíveis: foi estuprada, espancada e assassinada. Talvez, a ideia aqui é que a mulher deva ficar dentro de sua casa, sob a proteção de seu lar.

De qualquer forma, muitas outros temas ficaram de fora da coleção, como, por exemplo, a sexualidade na terceira idade – em relação a isso, os personagens da coleção são razoavelmente jovens –, o sexo com animais, o relacionamento com travestis, o sadomasoquismo e o relacionamento entre jovens e pessoas maduras, além dos intersex: temas bastante tabus na sociedade, demonstrando também o quanto a coleção – mesmo retratando outras vivências sexuais – é ainda conservadora.

Chegamos ao fim desse artigo, sabendo que em toda pesquisa há um que de incompletude. Esperamos que esse trabalho sirva de reflexão em relação a heterogeneidade da sexualidade humana, lembrando que nosso olhar é muitas vezes guiado pela cultura, e ultrapassá-lo é fundamental: nem tudo é natural, mas construído por todos nós. E é assim com a sexualidade, ela é uma construção, passível de mudanças. A sexualidade, portanto, é também devir.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (e-book)
- BERUTTI, Eliane Borges. **Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BETTEGA, Amilcar. **Barreira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BREMMER, Jam (org.) **De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade**. Trad. Cid Knipel Moreira. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo, homofobia e relações de gênero**. Curitiba: Appris, 2012.
- CUENCA, J. P. **O único final feliz para uma história de amor é um acidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.
- FERRARI, Anderson; SEFFNER, Fernando. "A morte e a morte" ... de homossexuais. **Rev. Gênero**. Niterói, v. 10, n. 1, p. 189-217, 2. sem. 2009.
- FOIS-BRAGA, Humberto. Projeto amores expressos: polêmicas editoriais e a narrativa de viagem nos romances Cordilheira e do Fundo do poço se vê a lua. **Litterata**, Ilhéus, jan-jun. 2015.v. 5/1.
- FOIS-BRAGA, Humberto. **ROMANCES DE VIAGEM: Políticas e poéticas da mobilidade contemporânea na coleção literária Amores Expressos**. 2017. 473 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GALERA, Daniel. **Cordilheira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HILÁRIO, Leomir Cardoso Hilário. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anu. Lit**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

KEIL, Ivete, Marcia Tiburi. **O corpo torturado**. Porto Alegre: Escritos, 2004.

LOBO, Rosana Corrêa. Amores expressos: literatura brasileira em tempos de globalização. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0672-1.pdf> Palavra chave: Amores expressos e globalização. Acesso em: 10 set. 2016.

MATTOSO, Chico. **Nunca vai embora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PELLIZZARI, Daniel. **Digam a Satã que o recado foi entendido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PRESSE, France. Japoneses perdem esposas e encontram o amor em bonecas de silicone. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/japoneses-perdem-esposas-e-encontram-o-amor-em-bonecas-de-silicone.ghtml> Acesso em: 20 out. 2017.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANT'ANNA, Sérgio. **O livro de Praga**: narrativas de amor e arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCOTT, Paulo. **Ithaca Road**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SHELLEY, MARY. **Frankenstein**. Trad. Miécio Araújo Jorge Honkis. Porto Alegre: L&PM, 2016.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal**: uma discussão sobre o homossexualismo. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TERRON, Joca Reiners. **Do fundo do poço se vê a lua**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.